

The image features four stylized sun icons in a light gray color. Each sun has a central circle with a smaller dot inside, and several elongated, teardrop-shaped rays radiating from the top and sides. The largest sun is at the top center, with two smaller ones on the left and one at the bottom left. A fourth sun, similar in size to the top one, is on the right side.

**TRADUÇÃO**

# NOTAS DE UMA VIAGEM SUBINDO O RIO JURUÁ

Por W. Chandless, medalhista de ouro,  
*Royal Geographical Society*

**Adriana Maria Huber Azevedo**  

Universität Zürich | Zurique - Suíça

submissão: 08/03/2024 | aprovação: 02/09/2024

A viagem, sem sucesso em seu objetivo principal, da qual as seguintes notas são oferecidas, foi feita durante os últimos cinco meses de 1867.

Embora apoiado por recomendações do Governo de Manáos<sup>1</sup> para as autoridades locais de Teffé, meu ponto de partida, tive a maior dificuldade em obter uma tripulação, mesmo para uma só canoa. Na verdade, como um dos homens com os quais contava falhou comigo no último momento, eu não poderia ter partido se não fosse pela gentileza do Sr. João da Cunha Correia (um explorador do Juruá), que, para completar minha tripulação, enviou um escravo seu, um homem muito útil no baixo curso do rio, já que ele conhecia a área e os índios que viviam nela. No entanto, no momento mais crítico da jornada, ele foi o pior homem possível que eu poderia ter comigo. Minha escolha era uma escolha de Hobson, ou não teria levado um escravo.

O Rio Juruá é pelo menos um terço menor do que o Purús, mas, em outros aspectos, tão semelhante, que uma descrição muito breve de seu caráter geral será suficiente. Sua água é “branca” ou barrenta; é muito tortuosa, e, conseqüentemente, cortou muitas curvas, formando muitos lagos, ou melhor, voltas mortas. No lado convexo das curvas, a terra é geralmente de “igapó”, franjeada por bancos de areia, drenada durante a estação seca; no lado côncavo, é uma planície aluvial (várzea), com áreas de “terra firme” aqui e acolá, que se estende até o rio, formando barrancos (barreiras). Tanto a “terra firme” quanto a “várzea” são, regra geral, mais baixas

em relação ao nível da água do que no Purús; em outros aspectos, são semelhantes.

Cacau, óleo de copaíba e salsaparrilha são os principais produtos naturais extraídos e parecem abundantes. Nos últimos anos, contudo, a borracha também tem sido procurada. Pelo que vi, as seringueiras estão mais espalhadas do que no Purús. A castanheira-do-Brasil, geralmente abundante na “terra firme” em outros lugares, é extremamente rara no Juruá. Acima da foz do Rio Tarauacá, a palmeira do tocun (cuja fibra, tanto crua como fiada, é o principal produto de exportação do Rio Japurá) é muito comum.

O único impedimento à navegação que conheço é um baixo erroneamente chamado Urubu-cachoeira (pois não é uma cachoeira), que é um pouco turbulento devido à presença de galhos submersos, mas – até onde pude examinar – contém pouca pedra, e isso apenas perto da margem esquerda. Dizem-me que, em épocas muito secas, a passagem é difícil até mesmo para canoas pequenas, porém, no meu retorno, no final de novembro, fazendo sondagens contínuas, não encontrei, em nenhum lugar do meio do rio, menos de  $6\frac{3}{4}$  braças. O rio ainda tinha pelo menos  $1\frac{1}{2}$  braça para subir. Portanto, na maior parte do ano, não seria um impedimento nem mesmo para um vapor. Há também, mais abaixo, um lugar chamado Cachoeirinha, mas isso é simplesmente uma saliência de rocha perto da margem esquerda, e o canal à direita tem mais profundidade que a média. Em geral, o Juruá está muito mais livre de obstáculos

<sup>1</sup> Nota da tradutora: este texto preserva a ortografia original de todos os topônimos, conforme adotada pelo autor.

los do que o Purûs. A partir do ponto mais distante alcançado – cerca de 1100 milhas da foz –, sempre descíamos à noite sem manter vigília; uma precaução que não me atrevi a negligenciar no Purûs, embora seja um rio maior, até cerca de 600 milhas de sua foz. Na primeira noite em que o fizemos, encalhamos em um obstáculo.

Na estação seca, a água do Juruá, pelo menos a sua superfície, atinge uma temperatura muito alta, talvez por ser aquecida ao longo da borda dos bancos de areia. Em uma ocasião, encontrei-a acima de 87° e 88° Fahrenheit. Em dias claros e ensolarados, em agosto e setembro, havia geralmente uma diferença de 2 ou 3 graus entre a temperatura ao nascer do sol e aquela às 2 ou 3 horas da tarde. A água, é claro, foi testada mais ou menos no meio do rio, quando estávamos, geralmente, atravessando de um lado para o outro.

Comumente se diz que um rio tem ilhas, porém, o Juruá não tem nenhuma. As áreas cortadas pelos furos Mineroá, Bereo e outros são muito grandes em proporção ao tamanho do rio para serem consideradas como tais. No vale do Amazonas, se a aplicação do termo “ilha” não fosse limitada, seria difícil dizer quando não se está em uma ilha. Esses furos são notáveis pelo grande tamanho de suas bocas, ou entradas inferiores, pouco inferiores ao rio principal. No entanto, em sua parte superior, eles são pequenos e

difícilmente podem, na cheia, trazer mais do que um oitavo, ou talvez um décimo, da água do rio, e, na estação seca, nenhuma. Na minha volta, desci por ambos os furos.

O Furo de Mineroá pode ser atravessado, em todas as estações, por pequenas canoas, mas com dificuldade em um ou dois lugares. De sua entrada superior até a Resaca Grande, tem pouco mais de 60 jardas de largura, porém (em dezembro) possui uma correnteza forte e 5 braços de profundidade. Abaixo disso, tem menos correnteza, mas é mais largo. Entretanto, em poucos lugares, tem mais de 150 jardas, até suas últimas três ou quatro milhas, onde se alarga muito. De onde adota um curso rumo ao Leste, a região entre ele e o Amazonas é um daqueles labirintos de lagos e furos que, não importa quão frequentemente eu os veja, nunca deixam de me impressionar. Dizem-me que, na estação seca, a água da Resaca Grande muitas vezes escorre pela entrada superior<sup>2</sup>. Então, não há corrente até abaixo da boca do Lago Mineroá, e, abaixo disso, há água preta. A tendência de canais laterais desse tipo, correndo de um rio principal para acompanhá-lo rio acima, com um curso como se fossem afluentes, às vezes por várias milhas, embora não seja incomum, é notável.

O Bereo é um pouco maior do que o Furo de Mineroá, mas tem menos correnteza. Na metade inferior, onde se alarga para 200 jardas ou mais, ele

2 O mesmo ocorre, em uma escala maior (como me foi dito no local e por muitas pessoas), no Paraná, no Canumá ou no Urariá, como era chamado anteriormente, entre os rios Madeira e Amazonas. Durante cerca de onze meses do ano, a água flui do Madeira quando este está aumentando, com uma corrente quase furiosa. No entanto, geralmente, por cerca de três semanas, no mês de outubro, quando os rios estão em seu ponto mais baixo, o oposto é verdadeiro, então, o Rio Canumá bifurca-se. Assim, uma parte de sua água escura corre para o Oeste, em direção ao Rio Madeira, e o restante para Leste, em direção ao Amazonas.

tinha (em dezembro) uma correnteza apenas dificilmente perceptível. Em agosto, sua entrada superior estava completamente barrada por um banco de areia, e eu a atravessei com os sapatos secos. Seu curso é tortuoso e caprichoso, porém a sua aproximação muito grande com o rio principal (mais ou menos meio-caminho) deve ser considerada com alguma reserva, pois a determinação da distância é feita em parte por estimativa. Neste furo, um pouco abaixo da boca do Igarapé do Bereo, há uma aldeia de índios Marauá. Eles têm outra no Furo do Tucumá, bem como no Furo de Mineroá; há também uma família deles perto do rio principal no Igarapé Caá-piranga. No total, esses índios, no Juruá, não devem chegar, penso eu, a 80 almas. Nessa aldeia, incluindo crianças, havia 28 pessoas, mas cinco eram de rio abaixo. Esses índios, embora ainda mantenham a sua unidade, podem ser considerados agora parte da população comum do Amazonas: todos entendem e falam a “língua geral”. Acredito ainda que todos sejam batizados. Além disso, eles têm uma considerável mistura de sangue não indígena.

O Furo do Tucumá não era navegável em dezembro, e só o é na cheia. O Furo Arapary é, disseram-me, ainda menor. Nenhum deles merece mais detalhes.

No grande Igarapé Jaraqui, há uma aldeia de Catauixis, a única dessa tribo no Juruá, com cerca de 20 homens, incluindo, neste número, rapazes acima de quinze anos. Dizem ser o remanescente de uma população muito maior. O número de tribos indíge-

nas representadas no Juruá, bem como o pequeno número de representantes por tribo, é notável. Esses Catauixis, como os do Purûs, são trabalhadores e habilidosos na fabricação de cerâmica, mas tiveram mais contato com comerciantes e cia., tendo agora poucas características distintivas. Agora, todos se encontravam rio acima, trabalhando na borracha para um comerciante.

Como os índios ribeirinhos e os comerciantes que viajam pelo rio são comparativamente poucos, o Juruá é extraordinariamente abundante em peixes e caça. Os mosquitos não são muito sentidos até acima de 6° 30' S; depois desse ponto, apenas em certos lugares. Os piuns<sup>3</sup> também são um pouco menos numerosos do que no Purûs, mas os maruins<sup>4</sup> são infinitamente mais. Pela primeira vez, percebi como não improvável a estimativa de Humboldt de 1,000,000 por pé cúbico de ar.

Acima dos Catauixis, não há índios até a latitude 5° 30', onde, no igarapé Chiué, há uma única aldeia de Arauás. Encontrei-os acampados em uma praia próxima. Herndon menciona-os como sendo traiçoeiros. De fato, mataram uma ou duas pessoas de modo um tanto traiçoeiro, porém, talvez, não sem provocação. Eles vêm fazendo negócios com comerciantes há muito tempo e não parecem ser uma raça guerreira, mas, pelo contrário, tímida. Linguisticamente, são semelhantes aos Purû-Purûs (Pammarys). Muitos deles agora falam a “língua geral” e todos os que vi estavam regularmente vestidos como pessoas

<sup>3</sup> “*Piúm*: musca Simulium, interdiu infestans” (Martius 1863: 470).

<sup>4</sup> “*Maruim*: insectum musca, sole occidente grassans” (Martius 1863: 462).

ordinárias do Amazonas. Agradei-me muito com a sua cortesia e amabilidade. Embora curiosos para ver coisas, eles não mendigavam. Dois concordaram em me acompanhar, e é claro que paguei adiantado. Essa companhia durou apenas cinco dias, até o rio Chiruan. Eles evidentemente não queriam ir para mais longe. Portanto, vendo que eles pretendiam fugir à noite, disse-lhes que estavam livres para ir de dia. Eles pareciam agradecidos e trouxeram voluntariamente de volta para mim a porção do pagamento recebido que tinham consigo, oferecendo até as roupas que vestiam. O principal motivo era o medo dos índios rio acima (Culinos), mas eles pareciam pouco acostumados ao trabalho duro, como remar o dia todo, pois as jornadas indígenas são muito curtas. Além disso, eles se alimentavam mal, pois um deles tinha uma esposa grávida em casa e o outro, um filho pequeno. Nessas circunstâncias, eles comiam apenas certos alimentos, não qualquer peixe de couro nem todos os peixes de escama. Por exemplo, não tambaqui nem piranhas: um não comia o macho da tartaruga e outro, a fêmea e seus ovos, tampouco comiam patos, porcos selvagens e antas. Na verdade, eles não comiam nada facilmente acessível, exceto mutuns. Mesmo no Juruá, é difícil garantir um suprimento constante desses. Entendi que o motivo dessa quase abstinência era religioso, não físico, mas eles se recusaram a ser questionados sobre o assunto. Minha delicadeza prevaleceu sobre minha curiosidade.

O Chiruan é o primeiro afluente do Juruá considerado um rio; os abaixo dele são apenas igarapés.

Ele tem apenas cerca de 35 jardas de largura, mas tinha  $1\frac{3}{4}$  braça de profundidade, mesmo no auge da estação seca, com uma corrente considerável; sua água era, então, marrom amarelada, contudo, na época da cheia, é negra. Muitos rios de água negra têm essa mudança na cor de sua água, de acordo com a época do ano. Dizem que ele vem de alguma distância, correndo não muito longe do rio principal, mas quase se aproxima do rio Tapauá (afluente do Purûs) ou algum afluente desse rio.

Acima do Rio Chiruan, no lado direito do Juruá, está o território dos Culinos – uma tribo numerosa do interior, que dizem não ter canoas, mas vir por terra para os bancos de areia na época em que as tartarugas desovam. Eles são considerados traiçoeiros e hostis se em número suficiente. Consequentemente, é uma regra de viagem sempre dormir em bancos de areia no lado esquerdo do rio, nesta parte – uma necessidade que às vezes nos fez parar mais cedo, às vezes viajar mais tarde do que eu teria desejado. Não vimos nada deles e, por outros índios acima, ficamos sabendo que eles não foram vistos nos bancos de areia nos últimos 2 ou 3 anos. Ademais, eles são encontrados também no Rio Tarauacá e, provavelmente, estendem-se por uma grande distância a Sudoeste.

Por uma viagem de dez dias acima da boca do Rio Chiruan, não há índios ribeirinhos em ambos os lados do rio (Juruá); a primeira aldeia sendo de Conibos, junto ao pequeno Igarapé Acará, sua única aldeia no Juruá. Esses Conibos são a mesma tribo de índios do Purûs aos quais me referi usando o nome

de Maneteherýs e que o explorador brasileiro Serafim erroneamente chamou de Cucamas, embora não tenham uma palavra em comum com estes últimos. Se são verdadeiros Conibos ou não, não posso dizer<sup>5</sup>, mas eles se chamam, e outros índios os chamam, assim. Eles podem ter sido originalmente uma colônia do Purûs, ou aqueles dos Purûs podem ter passado para aquele rio a partir do Juruá, ficando para trás. Quanto a isso, não pude verificar nada, exceto que eles não são recém-chegados, porém, em diferentes épocas, ocuparam vários locais acima e abaixo de sua posição atual. Agora eles são uma espécie de posto de comércio para o restante de sua tribo. Eles trabalham mais ou menos para comerciantes e vendem seus implementos de ferro excedentes para seus irmãos do Purûs, dos quais compram os longos ponchos de tecido de algodão, que estes tecem e usam e aqueles usam, mas não tecem. Quase todos os anos, eles enviam uma expedição aos Purûs, ou melhor, a uma aldeia no interior localizada a três dias de viagem desse rio, como me disseram. Um número deles, encontrado em minha volta, estava agora ausente em tal expedição. Todos sabiam da minha viagem pelos Purûs – talvez eu tenha prejudicado os negócios deles naquele ano – e me informaram que meu servo foi morto por pessoas de sua tribo, e não pelos Hypurinás, como eu originalmente acreditava e, de fato, escrevi em meu artigo sobre os Purûs. Fiquei contente, pelo menos, em descobrir que estes últimos, uma raça guerreira e fina, estavam livres

dessa mancha de traição, que não combinava com seu caráter. Relatos que chegam através de indígenas, devo observar, merecem pouca confiança; nem um pouquinho mais por serem muito circunstanciais. Uma catástrofe que nunca aconteceu costuma ser narrada em detalhes minuciosos.

Estes Conibos são tão cansativos e importunos quanto os “Maneteherýs”, constituindo um contraste singular em termos de maneiras em relação a todos os outros índios do Juruá, especialmente em comparação com alguns que, por acaso, chegaram à mesma tarde ao banco de areia na boca do Acará. Estes eram de uma aldeia localizada a poucas milhas acima; parte deles Canamarýs, parte de uma tribo conhecida como Índios-Peixes. Estes últimos pertencem ao rio Cuniuá, um afluente do Tapauá (por sua vez, um afluente do Purûs), e tinham chegado ao Juruá apenas quatro meses antes. Consegui que um deles marcasse na areia a sua rota – descendo o Cuniuá até o Tapauá, subindo este – por terra até o Chiruan, assim, saindo para o Juruá. A língua deles parece ser semelhante à dos Arauás e Purû-purû, contudo, por falta de um intérprete, não pude perguntar nada sobre a causa de sua migração. Se não tivesse ouvido o nome Cuniuá, eu não teria descoberto nem mesmo isso, já que os Conibos só sabiam que eram recém-chegados, mas nem entendiam a língua deles, nem pareciam sentir a menor curiosidade a respeito deles. Eles nos trouxeram frutas e algumas bugigangas para vender, porém não vieram

<sup>5</sup> Se for assim, o conhecimento dos Maneteherýs sobre o Ucayali e Sarayacu é imediatamente explicado. Uma comparação das línguas decidiria a questão.

de mãos vazias para pedir nada. Na manhã seguinte, continuaram sua jornada rio abaixo. Por que ou para onde, não aprendi. O traje deles era simplesmente uma “tanga” – traduzida, por cortesia, como “aventail”. A maioria deles tinha colares de contas; o chefe usava um crescente de concha suspenso no nariz. Além dos arcos, eles tinham a “palheta” ou vara para arremessar flechas, mas usam isso apenas para matar peixe e tartarugas.

Esses Canamarýs não compreendiam nenhuma das palavras (muito poucas) que eu havia obtido daqueles no Purûs, tampouco encontro qualquer uma delas no catálogo Canamarý, no *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, de Karl Friedrich Philipp Von Martius (1863), mas todas estão naquele dos Culinos ou Maxurunas. Uma palavra me parece instrutiva: a resposta comum dos Canamarýs que encontrei no Purûs, quando perguntados por algo que não tinham, era “Yamai”, equivalente ao espanhol “No hay”. No catálogo Culina (Martius 1863: 243), encontro “*morior = yamai*”. No geral, inclino-me a pensar que, no Purûs, existem duas tribos de Canamarýs, uma que não encontrei, verdadeiros Canamarýs, e aqueles acima, com quem me deparei, provavelmente um ramo dos Culinos. Estes últimos, no entanto, autodenominavam-se, e os Maneteherýs (ou Conibos) os chamavam, Canamarýs.

Contratei dois homens desta aldeia Conibo para trabalhar em minha canoa. Achei-os bons trabalhadores, muito diferentes dos pobres Arauas. Eles não tinham escrúpulos com comida, mas uma grande avidez por sal, de modo que meu estoque de peixe

salgado, que mal havíamos tocado e meus homens haviam desejado, mais de uma vez, jogar fora, era para eles o maior dos prazeres, e um do qual não se cansavam até o final. Na minha volta, esses dois homens permaneceram em sua aldeia e outros dois me pediram para dar-lhes passagem até Parinarý, a casa do Sr. João da Cunha, situada um pouco acima de Teffé. Conforme ouvi depois, eles ficaram com ele apenas cerca de dez dias e, em seguida, após roubarem uma canoa e diversos machados, espingardas e outros artigos soltos, voltaram para o Juruá.

Uma semana de viagem a partir desta aldeia Conibo, deparamo-nos com alguns Catuquenas, que coincidentemente estavam em seu porto: disseram que sua aldeia (maloca) ficava a um dia de viagem para o interior. Eles são uma das tribos mais amplamente dispersas da Amazônia, mas raramente encontradas às margens de rios de águas brancas, devido à sua aversão às pragas de insetos. Os homens pareciam ser altos, fortes e robustos, vestidos apenas com uma tanga.

Em mais alguns dias, chegamos à foz do rio Tarauacá, o principal afluente do Juruá, quase dois terços do tamanho desse rio mencionado acima. Por isso, ele poderia ser chamado de conflúente, mas entra estritamente em um ângulo reto, e seu curso geral, na distância em que o percorri – cerca de 16 ou 17 milhas –, faz um ângulo obtuso com o Juruá. Sua boca tem 130 jardas de largura (conforme calculei por triangulação), porém, dentro, o rio é um pouco mais largo. Encontrei uma profundidade de 5 a 6 braças, cerca de uma braça a menos que a pro-



fundidade média do rio principal por alguma distância acima, mas este estava com maior volume de água. A água de ambos os rios é branca, e não pude perceber diferença de cor, encontrando apenas 0,5° Fahrenheit de diferença na temperatura. Um dos informantes de M. Castelnau (cujos nomes agora parecem completamente esquecidos em Teffé) descreve a água do Tarauacá, e outro a do Alto Juruá, como negra: ambos erroneamente. Em geral, relatos sobre este ponto são confiáveis, pois é um fato geralmente observado e lembrado: de fato, rios de água preta e branca diferem em seu aspecto geral tanto quanto um negro e um índio. Um dos dois informantes também afirma que, um pouco acima do Tarauacá, o Juruá se divide. No entanto, viajei exatamente um mês rio acima e não encontrei tal bifurcação.

Antes de deixar o Tarauacá, é necessário dizer algumas palavras sobre o curso do Juruá. Desde aproximadamente o paralelo de 6° 30' S até o Amazonas, ele não difere muito do usualmente marcado, embora, mesmo nesta parte, corra mais rumo a Leste. Todavia, acima disso, por uma distância considerável, ele corre quase de Leste a Oeste, assim como o Purûs faz ao longo do paralelo de 9° e seu afluente, o Aquiry, de 11°, além do rio Javary (como sabemos pela recente exploração da Comissão de Fronteiras), que faz quase ao longo do paralelo de sua boca. Essa direção Leste dos rios deve ser considerada uma característica marcante no distrito entre o Madeira e o Ucayali, como se houvesse uma série de cordilhei-

ras paralelas, ou degraus, entre o alto Amazonas e a base dos Andes caravayanos. No Juruá, pelo menos, esse curso Leste é evidentemente causado por uma cordilheira, ou talvez por uma borda de um corredor de terras altas, mas que não pode ser chamada de fileira de colinas, que se estende aproximadamente de Leste e Oeste no lado esquerdo do rio, geralmente no interior, porém contra o qual o rio se choca de tempos em tempos e recua, até finalmente contornar a extremidade em uma curva muito notável. De fato, ao longo de toda a distância que percorri, a terra firme está principalmente à esquerda, e o que há à direita é comparativamente baixo. Em conexão com isso, está o fato de que à esquerda, no Juruá, não há um único afluente, exceto pequenos córregos – igarapés e bocas de lago.

A curva mencionada acima é, como seria de se esperar, o ponto onde o Juruá se aproxima mais do Purûs, com distância de, segundo os meus mapas, 104 milhas geográficas em direção um pouco ao Sul-Sudeste desta curva até perto da boca do Pauynim no Purûs. Esta pode ser a aproximação que antigamente era relatada. Seria muito audacioso se dissesse que os índios não poderiam ter passado de um rio para o outro aqui. No entanto, os índios que agora existem aqui são de tribos guerreiras, numerosas e intratáveis: os Hypurinás, perto do Purûs, os Culinos, perto do Juruá, e os Jamamadýs<sup>6</sup>, no centro.

A rota, que tem sido mencionada nos tempos modernos, é localizada mais acima, passando pelo

<sup>6</sup> Os Culinos e Jamamadýs possivelmente são a mesma tribo sob nomes diferentes: os últimos, de qualquer forma, assim como os primeiros, dizem-se que não usam canoas de forma alguma.

Tarauacá. Na verdade, ela mal pode ser chamada de uma aproximação dos dois rios principais. João da Cunha viajou pelo Tarauacá e pelo Embira, um afluente deste à direita, a cerca de 8 ou 10 dias de viagem do Juruá, ele me diz, e depois por terra até a margem do Purûs principal. Essa era anteriormente a rota regular dos Conibos em suas viagens de comércio, mas, em consequência de ataques frequentes dos Nauas, índios selvagens do alto Juruá, eles a abandonaram e, agora, têm um caminho a partir do Lago Yra-oçu (Grande Lago do Mel), a alguma distância abaixo, que corta até o Embira.

É uma coincidência estranha – pois dificilmente pode ser considerada mais que isso – que, em meus mapas, o ponto do Purûs mais próximo da foz do Tarauacá seja quase exatamente aquele onde o caminho do Juruá alcança o antigo rio, a 130 milhas geográficas de distância.

Tenho pouca dúvida de que o pequeno afluente do Purûs, que marquei com o nome Tarauacá, não tem direito a esse nome. Os indígenas apenas queriam dizer que era uma maneira de passar para o grande afluente do Juruá. Decerto, foi relatada a existência de uma comunicação completa entre os dois rios, não obstante, os Conibos me disseram que não conheciam nenhuma.

Cerca de 5 milhas acima da boca do Tarauacá, um igarapé muito grande, o Goabyru-paraná (Rio Rato), deságua no Juruá do mesmo lado. Como suas águas são brancas, eu teria pensado ser outra boca, não fosse a temperatura estar quase 5° Fahrenheit mais baixa. Este é o último nome do qual pude obter

algum relato. Nenhum dos Conibos estava familiarizado com o alto Juruá; nem os coletores de drogas do sertão, pelo menos nos tempos recentes, subiram consideravelmente mais, principalmente por medo dos Nauas – um medo que logo começou a se manifestar em vários dos meus homens. Duas vezes, os remos, ou pás, foram jogados fora à noite, na esperança de assim interromper a viagem ou talvez causar um retorno. Na primeira ocasião, no entanto, todos, e, na segunda, dois deles, foram parar na margem do rio, no extremo inferior do banco de areia onde havíamos dormido. Depois disso, como não tinha mais remos sobressalentes para perder, sempre à noite, eu recolhia todos em uso, colocava-os na popa e dormia em cima deles. Em seguida, um caldeirão de acampamento desapareceu, mas eu disse que poderia viver muito bem comendo comida assada, e o restante foi poupado. Felizmente, não é fácil danificar uma canoa de madeira dura sem fazer barulho. Seria injusto insinuar que todos os homens eram capazes de tais atos: tenho certeza de que três não eram. Talvez eu tenha injustiçado outro: apenas um tinha bom ânimo e foi de boa vontade. Em sua honra (*si qua est ea cura*), chamei o próximo afluente de Rio Gregório.

Este é um rio de tamanho razoável, com mais de 50 jardas de largura, então (em 25 de outubro) com 4 a 5 braças de profundidade, fluindo corajosamente com água muito semelhante à do Juruá. Fiquei surpreso ao encontrar sua temperatura 1,7° Fahrenheit mais alta do que a última, que estava em 80,0°.

Até então, não tínhamos visto sinais de índios,

exceto uma ou duas pequenas plantações quase totalmente encobertas pelo mato. Todavia, em poucos dias, deparamo-nos, de forma um tanto inesperada, com alguns na margem do rio. Eles acabaram por não ser os temidos Nauas, mas a qual tribo realmente pertenciam, o que estavam fazendo, como e de onde vieram para o lugar onde os encontramos, tudo isso permaneceu uma questão de conjectura. Havia 15 ou 16 homens à beira do rio, com mulheres e crianças nas proximidades, mais para dentro da mata, porém não era o “porto” de uma aldeia de terra firme. Vimos apenas uma canoa de paxiúba, que não poderia ter transportado mais de seis ou oito pessoas. Eles claramente não tinham medo de que nós pudéssemos atacá-los nem qualquer intenção de nos atacarem, pois venderam muito prontamente seus arcos e flechas, vindo a bordo de minha canoa em tão grande número que causaram um pequeno tumulto, o que tornou impossível inquirir ou aprender muito. Esse índios variavam bastante em aparência e ornamentações permanentes. Um ou dois, por exemplo, tinham pinos sob o lábio inferior; um me pareceu um mestiço, com barba e bigode, nem cabelo, nem tipo de rosto indígena. A única palavra que reconheci foi “wary” (sol), a mesma que nas línguas Culino e Maxuruna; então talvez pertençam a uma dessas tribos. Uma coisa eles nos explicaram muito claramente, a saber: em mais oito ou dez dias rio acima, encontraríamos os Nauas, que nos combateriam. Uma informação que se revelaria ser muito correta. Em nosso retorno, não vimos mais esses índios.

Tive a satisfação de alcançar mais um afluente – como todos os outros, à direita –, um pequeno rio ao qual dei o nome de um. Esperava observar uma ocultação de  $\mu$  *Piscium* em sua foz, mas as nuvens impediram isso.

Certa noite, finalmente, chegamos a uma plantação Naua, cujo tamanho mostrava que eles eram um tanto numerosos; sua limpeza indicava que haviam estado ali recentemente. Na manhã seguinte, passamos rapidamente por mais duas plantações. Contornando um ponto, chegamos à “maloca”, consistindo em duas grandes casas. As pessoas aparentemente estavam todas ausentes, mas, neste momento, uma canoa de cima apareceu. Chamamos aqueles dentro dela, mas eles voltaram rio acima. Cerca de três milhas acima, todos foram encontrados na margem do rio. Eles tinham três canoas muito longas, porém estreitas, e imediatamente correram para estas, batendo nos peitos com as mãos, em seus grandes escudos redondos e pretos (de pele de anta, dizem), com suas lanças – pois eles também tinham lanças –, arcos e flechas. Apenas duas das canoas saíram e uma ficou a uma boa distância atrás da outra, a primeira tendo apenas cinco ou seis homens. Por seus gestos, dificilmente posso duvidar que saíram para lutar, mas duvido muito se, inicialmente, sabiam que éramos pessoas brancas, e eu esperava, mostrando miçangas etc., trazê-los a uma negociação. Todavia, quando estavam a oitenta ou noventa jardas de distância e ainda fazendo sinais de guerra, meus homens, lembrando do ataque desastroso do ano anterior

(1866) à expedição brasileiro-peruana no rio Javary, não esperaram mais. Apesar das minhas ordens, dispararam antes que uma flecha fosse lançada contra nós. O primeiro tiro errou, mas eles ainda avançaram; o segundo, no entanto, feriu um dos índios no braço. Então, eles pararam e, com um terceiro tiro, recuaram. Nós os seguimos, contudo, como estavam ambos rio acima e mais perto da margem do que nós, eles ganharam a margem. Aqui havia cerca de trinta índios, logo ali sob a cobertura da mata, mas não posso dizer quantas eram mulheres. Apenas uma flecha foi lançada contra nós, porém ela não alcançou o alvo. Permanecemos cerca de meia hora em frente a eles, fora do alcance das flechas, para ver o que fariam. Talvez tenham ficado onde estavam, com uma intenção similar. Eles não fizeram nada, nós também não. Entretanto, diante da proposta de continuar nossa viagem, houve um clamor geral de todos os meus homens, com uma exceção, contra fazê-lo. Sem dúvida, isso envolvia uma certa quantidade de perigo, já que uma canoa rio acima deve ficar próxima à margem. Teria sido fácil, para os índios, preparar emboscadas, mas, devido à sua audácia destemida, duvido que o fizessem. Para lutar, ou até mesmo resistir a ataques contínuos de escaramuça, éramos poucos, sendo apenas oito no total. Em uma situação de perigo, não se podia contar com os dois Conibos e um Miranha. Não obstante, deveríamos ter ido ver. Se o tivéssemos feito e fôssemos novamente atacados, eu teria ficado contente em voltar atrás. Como está, relembro daquele dia com vergonha.

Descemos o rio fluuando até sairmos de vista, para não parecer que estávamos fugindo. Encostamos na aldeia (maloca), onde alguns indígenas devem ter permanecido, já que uma fogueira estava acesa. Levamos um pouco de breu que encontramos, pelo qual deixei um pagamento generoso em ferramentas, esperando que isso pudesse fazer os indígenas entenderem que nosso objetivo não era prejudicá-los.

O rio, neste ponto, o mais distante de minha viagem, tinha uma largura média de 130 a 150 jardas e uma profundidade de 5 a 6 ou  $6\frac{1}{2}$  braças. Entretanto, aqui quase alcançara a última marca de enchente. Seria ocioso conjecturar a que distância está sua nascente a partir do tamanho de um curso de água tão considerável. Todavia, a partir da geografia dos rios circundantes, algumas conclusões prováveis podem ser tiradas. O Ucayali, abaixo da foz do Camisea, como aprendemos com o Sr. Castelnau, não recebe, do lado direito, nenhum rio de importância. Obviamente, portanto, a partir de uma distância muito curta a Leste dele, a água desemboca em outros rios. O Purús e o Javary certamente surgem não muito longe do Ucayali (assim como também pode ser esse o caso do Jutahy). O Javary, um pouco ao Sul da latitude  $7^\circ$ , e o Purús, com seus afluentes superiores, da latitude  $10^\circ$  a  $11^\circ$  ou  $11\frac{1}{2}^\circ$ . Parece-me, assim, muito provável que o Juruá tenha sua nascente por volta da latitude  $9^\circ$  ou  $9\frac{1}{2}^\circ$  ao Sul e, como os outros rios, perto da margem direita do Ucayali.

### Tabela “Localizações”

As observações foram semelhantes às feitas em minhas viagens no Rio Purús. Observações de latitude e de tempo (para longitude por cronômetro) foram feitas em 56 pontos, incluindo aqueles mencionados acima, além de alguns apenas de latitude. No meu caminho de Teffé para o Juruá, em um ponto chamado Parauary, anteriormente, uma aldeia indígena, marcado em muitos mapas, observei uma ocultação<sup>7</sup> e, no rio Juruá – como mencionado acima –, o fim do eclipse do sol. A longitude da foz do Juruá foi determinada cronometricamente com referência a esses dois pontos. Como a diferença dada por dois cronômetros é apenas de 1-2 segundos, provavelmente essa longitude é bastante aproximada das determinações absolutas. O mesmo pode ser dito de todas as longitudes até a latitude 4° S. Acima disso, infelizmente, não pude obter observações absolutas igualmente boas. As longitudes são simplesmente cronometradas e referidas, é claro, ao ponto de observação do eclipse do sol. Para diminuir a dependência de cronômetros e o erro provável, em todos os casos possíveis, as observações de tempo foram repetidas na viagem de volta, nos pontos onde foram feitas na viagem de ida (exceto em circunstâncias especiais, não em novos pontos, pois isso poderia ter distorcido o rio). Este ponto mais

distante de observação depende de vinte e um dias de cronômetro; outros proporcionalmente menores. A taxa assumida foi aquela dada pelas observações de tempo nos mesmos pontos, em 6 e 13 de novembro (ou seja, indo e voltando). O intervalo sendo longo o suficiente para eliminar o efeito de pequenos erros de observação, ao mesmo tempo tão curto que era escassamente provável, como os dois cronômetros não tinham variado sua relação, que eles deveriam ter variado sua taxa absoluta. Com essa taxa<sup>8</sup>, as diferenças das longitudes dadas pelos dois cronômetros são muito pequenas, sendo a máxima abaixo de 6 segundos. Estes, que por brevidade chamarei de pontos de descida, serviram como pontos de base para a determinação dos pontos intermediários de subida. Os intervalos são tão pequenos que não muito erro adicional pode ter sido introduzido.

Observaram-se alguns eclipses do primeiro satélite de Júpiter, mas apenas dois com céu perfeitamente claro. Uma dessas observações foi feita em um ponto definido (ou seja, não apenas um ponto aleatório na margem do rio, sem nada para marcá-lo), conforme mencionado. Será visto que esta longitude difere apenas 12 segundos do cronometrado, e o erro está do lado direito, já que a reaparição foi observada tarde demais, dando assim uma longitude menor.

A outra observada em longitude 69° 3' dá uma longitude 3-5 segundos maior do que a cronometra-

7 7 de agosto de 1867. Librae Oc. D (na borda escura da lua), fornecendo a longitude de Parauary 4h. 19 min. 8.8 segundos.

8 Supondo que, durante toda a viagem acima do ponto de observação do eclipse solar, a taxa média dada pelas observações de tempo é mantida. Lá, indo e voltando (com um intervalo de 101 dias), a longitude resultante do “ponto mais distante de observação” é 17.2 segundos menor do que a indicada acima.

da, portanto, certamente, indica algum erro nesta que adotei no mapa<sup>9</sup>.

Em geral, espero que essas longitudes possam ser aproximações razoavelmente boas. À medida que minha experiência se estende, em uma canoa estável, em rios como o Purús e o Juruá, onde há pouca ou nenhuma ondulação, os cronômetros funcionam tão bem quanto em terra firme.

Foram feitos cálculos duplicados completos da ocultação e do eclipse do sol, assim como de observações similares no Purús, embora não mencionadas. Devido à impossibilidade de obter observações simultâneas em outros lugares, apenas as seguintes observações barométricas foram feitas no Juruá:

Próximo ao rio Tarauacá (nível de inundação)

14 de outubro, 9h da manhã, Barômetro (a 32°), 29.503, Ar 77.9°.

19 de novembro, 9h da manhã, Barômetro a 28°, 29.627, Ar 80.1°.

Portanto, a altura acima de Manáos é de 249 pés e, acima do nível do mar, 380 pés.

Próximo ao rio Mu (nível de inundação)

14 de novembro, 9h da manhã, Barômetro (a 32°), 29.466, Ar 81°.

A partir disso, e da 2ª observação no Tarauacá, o

rio Mu está 15 pés acima do rio Tarauacá (boca) e 531 pés acima do mar.

Para a determinação da altura do rio Tarauacá, na ausência de observações simultâneas, utilizei uma tabela<sup>10</sup> de médias mensais de observações meteorológicas feitas em Manáos (no nível da nova igreja, 16,09 metros, ou 52,8 pés acima do nível médio do rio Negro) pela Comissão de Fronteiras, durante os anos de 1861-67. Usou-se a média das médias de outubro e novembro em Manáos, corrigindo minhas observações para uma ligeira diferença nos barômetros, que foram comparados, aproximadamente, para a variação diurna. A altura de Manáos (igreja) acima do mar foi determinada pela Comissão de Fronteiras a partir desta série de 11.799 observações aqui e 9.007 no Pará (parte delas simultâneas), como 39,98 metros = 131,2 pés. Não há, creio eu, motivo para duvidar de que seja uma determinação barométrica completamente boa. Minhas próprias observações – quase mil –, mas não incluindo nenhuma feita durante os últimos cinco meses do ano, provavelmente dariam uma altura ainda menor. Se, no entanto, sob as circunstâncias – um declive gradual do terreno e o vento predominante do mar<sup>11</sup> –, uma determinação barométrica, mesmo a partir de anos

9 Como o ponto do Juruá mais próximo do Purús está na longitude 68° 13' Oeste, provavelmente, *caeteris paribus*, a menor distância indicada acima, ou seja, 104 milhas geográficas, é um pouco pequena demais.

10 Por esta e muitas outras informações valiosas e interessantes sobre a meteorologia do Amazonas, sou grato ao Sr. José da Costa Azevedo, Capitão de Fragata na Marinha do Brasil e chefe da Comissão de Fronteiras (praticamente durante toda a sua existência); a quem também devo agradecer a cortesia e a gentileza com as quais me ofereceu livre acesso e uso de todos os seus registros e dados, tanto geográficos quanto meteorológicos.

11 Cf. Sir J. Heschel, Meteorologia, §161, perto do fim.

de observações, dará uma altura suficiente, é outra questão. Ainda assim, é preciso lembrar que Obidos está muito mais perto de Manáos do que do mar, e a maré é perceptível em Obidos. Seria talvez difícil de dizer a que altura vertical uma onda de maré pode subir em várias circunstâncias, contudo, em um grande rio aberto como o Amazonas, dificilmente poderia ser considerável. Como a correnteza do Amazonas é, em certos momentos e lugares, muito forte, talvez tenha sido suposto muito prontamente que seja assim geralmente, mas não faltam exemplos contrários. O Sr. Bates me conta que, uma vez, no Alto Amazonas, depois de flutuar a noite toda, descobriu que não tinha flutuado perceptivelmente para baixo, ou pelo menos materialmente.

Pode ser útil acrescentar, como oferecendo, em certa medida, um limite de erro devido à falta de observações simultâneas, que o máximo e mínimo absolutos individuais de toda a série de 11.799 observações barométricas diferem apenas 0.403 polegadas. Essa diferença inclui a variação diurna (cerca de 0.125), que não é casual. Portanto, é provável que, nesta parte do vale do Amazonas, proporcionando uma margem ampla, 0.200 possa ser considerado o valor extremo possível de erro.

O interesse e a importância do tópico, espero, desculparão esta discussão um tanto longa.

#### **Tabelas “Distâncias” e “Palavras Arauá”**

## **REFERÊNCIAS**

Martius, Karl Friedrich Philipp von. 1863. *Glossaria linguarum brasiliensium: Glossarios de diversas línguas e dialectos*. Erlangen: Druck von Junge & Sohn.